

11.

SEGUNDO REINADO: ENFIM UMA NAÇÃO NOS TRÓPICOS

Idealizado por deputados liberais, o golpe de Estado que permitiu a ascensão de d. Pedro II terminou por acalmar as rebeliões que questionaram a integridade do país e a autoridade dos regentes na década de 1830.

Entre 1841 e 1864, a monarquia constitucional e a unidade das províncias se consolidaram sob a égide do jovem soberano. Representante de uma estirpe aristocrática, descendente de reis austríacos, espanhóis, alemães, franceses e lusitanos, o imperador apresentava-se como o símbolo máximo do Brasil diante dos súditos e também no plano internacional. Para isso, toda uma maquinaria política precisou ser posta em ação. A pomposa cerimônia de coroação de d. Pedro II e seu casamento com uma princesa italiana foram episódios destinados a reforçar sua suposta mitologia dinástica. No mesmo sentido, a atuação de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Imperial de Belas Artes preparou o terreno intelectual para uma invenção da nacionalidade. Estamos na era do Romantismo indianista, vertente literária e artística dedicada à estetização do genocídio ameríndio.

Na política, liberais (luzias) e conservadores (saquaremas), pouco diferentes entre si, se alternavam nos gabinetes de ministros no compasso de eleições censitárias viciadas por fraudes e clientelismo. Nesse ínterim, a extinção definitiva do tráfico negreiro (formalmente proibido desde a década de 1831) e, em especial, o rápido desenvolvimento da lavoura cafeeira inauguraram



11.1. *Iracema*, óleo sobre tela de José Maria de Medeiros, 1881*.

um novo ciclo econômico. O “ouro verde” assumiu o posto de principal produto de exportação brasileiro. Capitais antes imobilizados pelo comércio de escravos foram aplicados na construção das primeiras ferrovias e telégrafos. Indústrias, ainda que rudimentares, começaram a operar. Também foi um período de grandes investimentos em infraestrutura urbana no Rio de Janeiro, que em 1858 inaugurou seus primeiros bondes a tração animal e em 1862 se tornou a terceira cidade do mundo a contar com uma rede de esgotos.

* A legenda interpretativa das autoras está no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. D. Pedro II, coroado antes da hora, a partir de 1840 ocupou o trono de imperador do Brasil. Suas imagens, quando menino, insistiam em afirmar, porém, sua maturidade. A farda, a barba rala e o olhar firme, a altura mais elevada que a real; as medalhas e o conjunto falavam muito mais do Império — que precisava parecer seguro e estável — que do menino assustado diante do tamanho da sua tarefa. Estimule os alunos a observar a imagem 10.1. (imagem 70 do livro) e proponha uma discussão sobre as seguintes questões: por que essa linguagem era utilizada na produção e na veiculação da imagem de Pedro II? Quais benefícios esse tipo de simbolismo trazia ao seu governo? A discussão será o ponto de partida de uma dissertação sobre o tema, a ser elaborada individualmente pelos alunos, acerca da importância dos símbolos e rituais na construção de um Estado e na afirmação do seu poder.
2. Entre as muitas imagens criadas sobre o imperador do Segundo Reinado do Brasil, uma das mais recorrentes era a valorização da sua formação erudita — com certo exagero. Tal fama deixava o segundo imperador em posição diretamente oposta à do seu pai, Pedro I, tido oficialmente como inculto e intempestivo. Essa contraposição foi explorada pelo discurso oficial de inúmeras maneiras: Pedro II tinha fama de filósofo, além da curiosidade e da boa formação nos estudos clássicos; também conhecia vários idiomas, e incentivou as artes — a pintura, a literatura, a poesia — e as ciências da sua época. Nesse sentido, formule as seguintes questões junto com seus alunos:
 - a. Por que era importante criar a imagem e a memória do Segundo Reinado a partir da oposição ao Primeiro Reinado?
 - b. Ao contrário do que acontecia no cenário europeu, a monarquia do Brasil ia bem, sobretudo graças à entrada da economia do café. O que ocorreu na Europa monarquista entre os anos 40 e 50 do século XIX? Quais relações podem ser estabelecidas entre esse cenário e o bom período de Pedro II no Brasil, na mesma época?
3. No Segundo Reinado, o Brasil iniciava um processo de transformações de longo prazo, do qual a Lei de Terras de 1850 era apenas uma das medidas. Leia o trecho (a lei se encontra disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm>):

Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara.

D. Pedro II, por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Subditos, que a Assembléa Geral Decretou, e Nós queremos a Lei seguinte:

Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra.

Exceptuam-se as terras situadas nos limites do Imperio com paizes estrangeiros em uma zona de 10 leguas, as quaes poderão ser concedidas gratuitamente.

Sobre o tema, proponha as seguintes questões aos alunos:

- a. De que maneira a Lei de Terras de 1850 mudou as regras de posse de terras no Brasil?;
- b. A Lei de Terras foi contemporânea à Lei Eusébio de Queirós. A primeira tratava da posse de terras; a segunda, da escravidão, planejando seu encerramento gradual com a proibição da entrada de novos escravos no Brasil. Algumas análises apontam as duas leis como ações complementares. Em que ponto as duas determinações se aproximam e se complementam; em que ponto diferem?

4. Na parte “Bons e maus ventos”, na p. 275, as autoras observam:

Para dar uma ideia, de 1854 a 1858 foram construídas as primeiras linhas telegráficas e de navegação e as primeiras estradas de ferro, a iluminação a gás chegou às cidades, e o número de escolas e de estabelecimentos de instrução começou a crescer. Com o fim da aplicação no mercado negreiro, as importações também cresceram 57,2% no período de dois anos: uma grande notícia para um governo que vivia basicamente do imposto de importação.

Solicite aos alunos que respondam às perguntas:

- a. A quais fatores devem ser creditados o crescimento e o equilíbrio econômico do Brasil?;
 - b. Conceituar as propostas e as conquistas da chamada Era Mauá;
 - c. De que maneira o fim do tráfico de escravos levou a um investimento interno, na infraestrutura do país?
5. O século XIX ficou conhecido como o século das nações. Em consonância com o projeto europeu, o Brasil passava a criar certo espírito nacional a partir da natureza e dos seus naturais. Nada de mencionar a escravidão. Entretanto, se as demais nações se muniram de um diálogo com a cultura do povo, por aqui o projeto foi bem mais palaciano e ligado ao mecenato do rei. Por isso, o império pagaria para que historiadores fossem a museus portugueses, escritores criassem épicos e pintores figurassem nos seus óleos a ideia de unidade e identidade, tudo nos trópicos. Pintores, literatos, poetas, músicos, teatrólogos, devidamente financiados pelo mecenato imperial, formariam um novo panteão de fundação da cultura brasileira. Assim como o mecenato de Pedro II, o indigenismo é fruto desse projeto. *Iracema*, de José de Alencar, retratada por José Maria de Medeiros,

é provavelmente um dos melhores exemplos: o indígena morreria para que a nação vingasse. Observe com atenção a imagem 11.1. (imagem 74 do livro).

Divida a turma em grupos e solicite a realização das atividades abaixo. Em seguida, proponha uma discussão a partir dos trabalhos produzidos.

- a. Analisar em que medida o movimento artístico e literário indigenista romântico está relacionado ao projeto do Segundo Reinado brasileiro. Identificar contribuições positivas disso para a governança no período;
 - b. A grande produção cultural do contexto em questão criou diversas representações que teriam vida longa na história oficial do Brasil. Muitos deles ainda figuram na nossa memória. Indicar imagens reproduzidas ainda hoje e que foram criadas pelo projeto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB);
 - c. Estabelecer uma comparação entre o romance *Iracema*, de José de Alencar, o poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, a tela *Iracema*, de José Maria de Medeiros, e a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, apontando elementos comuns e a visão do indígena presente nessas obras.
6. A tela de Victor Meirelles, *A primeira missa no Brasil* (imagem 72 do livro), ficou tão famosa que hoje em dia ela se confunde com a realidade. No entanto, e na verdade, quase tudo nela é do reino da ficção. Mais ainda: ela foi expressamente encomendada e comissionada pelo Império para elevar o Segundo Reinado. Tendo esse tipo de questionamento em mente, pesquise quem era esse pintor, em que contexto e onde foi realizada essa grande tela, avalie suas dimensões bem como procure saber quando e como foi exposta. Essa será uma maneira divertida de entender como pinturas são documentos e não meras ilustrações.

LEGENDA INTERPRETATIVA DAS AUTORAS

11.1. No final da década de 1870, o movimento romântico indigenista, já presente na literatura, chegou também à pintura, que se apropriou da imagem do herói nativo para resgatar as origens brasileiras e fomentar o nacionalismo. Em *Iracema*, José M. Medeiros (1849-1925) retratou a personagem da obra homônima de José de Alencar (publicada com sucesso em 1865) como convinha à representação oficial dos índios; isto é, figuras passivas, que deveriam morrer para que a nação vingasse. Numa época em que a escravidão estava por toda parte, o Império preferiu cunhar sua representação na base do “encontro predestinado” de portugueses com indígenas, todos idealizados.